

INFLUÊNCIAS DA PESCA ESPORTIVA NO MODO DE VIDA DOS PESCADORES CAIÇARAS DO VALE DO RIBEIRA (SP)

Milena Ramires¹, Silvia Maria Guerra Molina²

¹Esalq-USP/ Ecologia de Agroecossistemas/ R: Irmã M. Maria 200. Piracicaba/SP. ramires@esalq.usp.br

²Esalq-USP/ Depto de Genética, Av. Pádua Dias, 11. Piracicaba/SP. smgmolin@esalq.usp.br

Palavras-chave: pescadores, pesca esportiva, pesca artesanal, Vale do Ribeira, recursos pesqueiros.

Área do Conhecimento: II Ciências Biológicas

Resumo - Nas últimas décadas, as populações caiçaras têm incorporado em seu modo de vida novas atividades econômicas. A pesca esportiva tem proporcionado uma alternativa de renda para as famílias de pescadores caiçaras, que voltam suas atenções e implicam seus conhecimentos sobre os recursos pesqueiros nesta nova prática. O presente trabalho teve como objetivo analisar as relações e possíveis influências da pesca esportiva no modo de vida dos pescadores artesanais caiçaras do Vale do Ribeira. Foram entrevistados 74 pescadores esportivos nas comunidades de Barra do Ribeira (Iguape), Porto Cubatão (Cananéia) e Pedrinhas (Ilha Comprida), com o auxílio de questionários semi-estruturados. Os pescadores artesanais também foram entrevistados para se identificar as relações destes com os pescadores esportivos.

Introdução

A atividade pesqueira é uma forte característica das populações humanas litorâneas, como os caiçaras do litoral sul de São Paulo. Através da pesca, os pescadores exploram o ambiente aquático de forma peculiar e adquirem conhecimentos sobre a natureza, além de estabelecer uma grande diversidade de interações com o ambiente. No entanto, nas últimas décadas, as populações caiçaras têm incorporado em seu modo de vida novas atividades econômicas. Neste contexto, a pesca esportiva tem proporcionado uma alternativa de renda para as famílias de pescadores que voltam suas atenções e implicam seus conhecimentos sobre os recursos pesqueiros nesta nova prática [1].

A pesca esportiva pode ser considerada uma “paixão nacional” e está hoje, bastante associada ao conceito de qualidade de vida, no qual a interação com a natureza, constitui-se num pressuposto básico. Conforme [2], ela é praticada ao longo de todo o litoral brasileiro, com a finalidade de turismo, lazer ou desporto. Além disso, o produto dessa atividade não pode ser comercializado ou industrializado. Sua concentração é mais significativa em áreas próximas às grandes cidades litorâneas. Em comunidades caiçaras do litoral paulista, a pesca esportiva tem representado uma fonte alternativa de renda que propicia “melhoria de vida” [3,4].

O presente trabalho teve como objetivo analisar suas relações e possíveis influências da

pesca esportiva no modo de vida dos pescadores artesanais caiçaras.

Materiais e Métodos

Foram realizadas entrevistas com pescadores esportivos que visitavam o Vale do Ribeira para a prática da pesca esportiva, através de questionários estruturados, onde foram coletados dados gerais sobre o informante (idade, sexo, grau de instrução, profissão), a frequência das pescarias, o número de pescadores do grupo, o tipo de hospedagem que mais utilizavam, se contratavam, compravam ou alugavam algo na região (piloto, barcos, cozinheiro, mantimentos, iscas, etc.), os tipos de aparelhos utilizados, as espécies mais procuradas, o local, a época e o modo como estas espécies eram capturadas.

As comunidades caiçaras onde este estudo foi realizado foram: a Barra do Ribeira (Iguape), Pedrinhas (Ilha Comprida) e Porto Cubatão (Cananéia).

Resultados

Foram entrevistados 74 pescadores esportivos, sendo 62 na Barra do Ribeira, 8 em Porto Cubatão e 4 em Pedrinhas.

Os pescadores esportivos entrevistados freqüentam as comunidades para a prática da pesca esportiva, em sua maioria, nos períodos de férias, que normalmente correspondem ao verão (Figura 1).

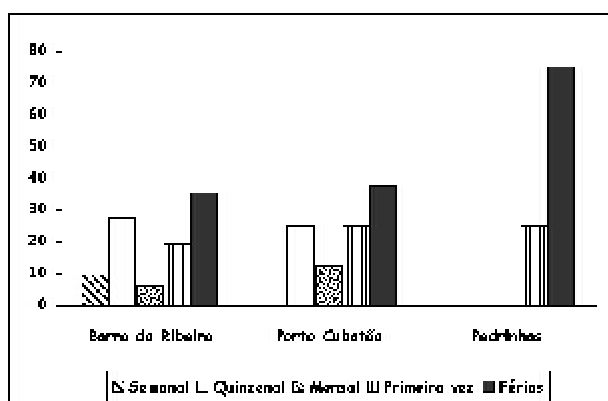


Figura 1: Frequências das pescarias esportivas.

Um aspecto importante relacionado à pesca esportiva é a infraestrutura que as comunidades oferecem aos pescadores e turistas de forma geral. A maioria dos pescadores entrevistados na Barra do Ribeira fica hospedada em suas próprias casas de veraneio na região ou em pousadas, enquanto que em Pedrinhas o principal tipo de hospedagem são casas alugadas e em Porto Cubatão são as próprias residências e os clubes de pesca (Figura 2). Porto Cubatão é a comunidade onde se pode observar um maior número de clubes de pesca e também outros tipos de serviços para a pesca esportiva.

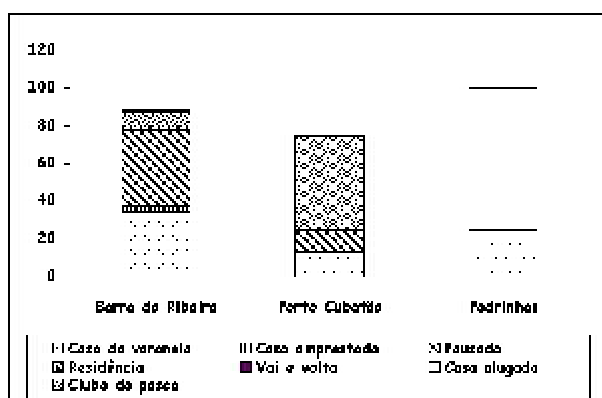


Figura 2: Tipo de hospedagem utilizada pelos pescadores esportivos.

As Espécies Preferidas

Os pescadores esportivos foram questionados quanto às espécies de peixes de maior interesse para captura. Dessa forma pode-se confeccionar um *ranking* das principais espécies. De acordo com este *ranking* (Tabela 1), o robalo é a espécie mais procurada nas comunidades da Barra do Ribeira e Pedrinhas, enquanto que em Porto Cubatão esta apareceu em segundo lugar na preferência dos pescadores. A pescada foi também uma espécie citada nas três comunidades, porém com preferências diferenciadas.

Tabela 1: *Ranking* das espécies mais procuradas pelos pescadores esportivos (de acordo com a citação, %)

	Barra do Ribeira	Porto Cubatão	Pedrinhas
1 ^a	Robalo 85,48 %	Pescada 62,5 %	Robalo 100 %
2 ^a	Pampo 17,74 %	Robalo 50 %	Pescada 75 %
3 ^a	Bagre 16,13 %	Anchova 25 %	Bagre 25% Corvina 25%
4 ^a	Corvina 12,90 %	Cavala 12,5 % Bicuda 12,5 %	
5 ^a	Pescada 11,29 % Xaréu 11,29 %		

Comércio de Iscas Naturais

A atividade de comércio de iscas naturais tem sido muito praticada pelas comunidades caiçaras da região. Em todos os municípios analisados neste estudo, grande parte dos pescadores artesanais desenvolve a atividade de venda de iscas naturais como forma de complementar a renda.

Dada a importância observada, da atividade de coleta de iscas naturais nas comunidades estudadas, alguns pescadores foram entrevistados sobre a mesma com o intuito de compreender a prática desta e sua relação com a pesca esportiva.

Além disso, os pescadores entrevistados também desenvolvem paralelamente à pesca artesanal e ao comércio de iscas, atividades como “piloteiro” (são contratados para levar os pescadores esportivos até os pesqueiros), caseiro, pedreiro, coletor de ostra, entre outras.

As espécies comercializadas como iscas naturais são o camarão branco, o emborê, o pitu, o corte de faca, o corrupto, o moçorongo, a tuvira e a manjuba. Os preços e as técnicas utilizadas variam de acordo com a espécie, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2. Espécies de iscas naturais, técnicas de coleta e preço (R\$) (agosto 2003)

Espécies	Técnica de coleta	R\$
Camarão branco	Gerival Arrasto Tarrafa Puçá	0,15 a 0,50 cada
Emborê	Puçá Arrasto Peneira	0,80 a 1,00 cada
Pitu	Peneira Puçá Tarrafa	0,15 a 0,25 cada
Corte de faca	Peneira Puçá Arrasto	1,00 cada
Sardinha	Arrasto	Depende da safra
Corrupto	Bomba de sucção	10,00 (o balde)
Moçorongo	Mão	0,50 a 1,00 cada
Manjuba	Corrico de Rede de manjuba	Depende da safra, em média de 1,50 a 2,00 o Kg
Tuvira	Peneira Puçá	0,80 cada

Destas, o camarão branco (juvenis) é a mais capturada e conseqüentemente mais comercializada pelos pescadores. As demais são menos procuradas pelos pescadores esportivos.

Discussão

A pesca esportiva é uma das características do turismo da região, o que definitivamente movimenta a maioria das comunidades caiçaras [5]. Porém, este fato não é uma constatação exclusiva deste estudo. Outras comunidades caiçaras também têm cada vez mais deixado a pesca e outras atividades para sobreviverem às custas do turismo e dessa forma estão encontrando uma fonte importante de renda na pesca esportiva.

Numa comunidade do Litoral Sul, a Barra do Subaúma, localizada entre os municípios de Iguape e Cananéia, [6] observou uma crescente expansão do turismo, onde os pescadores principalmente, no período entre novembro e março, atendem de várias maneiras aos turistas, seja alugando seus barcos, seja como guias de pesca ou vendendo camarões vivos para servirem de iscas para os pescadores esportivos que visitam a região. Segundo [7], os pescadores artesanais de Trindade (RJ) chegam até a modificar o ciclo temporal da pesca artesanal, que entra em competição com a pesca esportiva. De acordo com [8], o turismo apresenta

aspectos positivos e na região do Rio Piracicaba. Uma análise ecológica da competição entre pescadores artesanais e esportivos realizada por [9], mostrou a existência de conflitos entre esses dois grupos em épocas e áreas onde as atividades acontecem simultaneamente. Embora a competição entre pescadores artesanais e esportivos, especialmente em águas interiores e áreas costeiras possa prover uma análise ecológica de competição por recursos, o autor aponta para o fato de que este tipo de competição mostra-se mais cultural do que ecológica.

O robalo é uma espécie carnívora muito procurada pelo pescador esportivo, o que faz com que haja uma grande ligação de suas capturas com uma outra atividade pesqueira importante na região, que é a pesca de exemplares juvenis de camarão branco (*Litopenaeus schimitti*) [10].

Com o aumento desta atividade, estudos têm sido realizados e diversos autores apontam para a importância desta atividade para as comunidades locais e também para a necessidade de estudo sobre a biologia desta espécie. De acordo com [10], os juvenis de camarão branco são capturados através de gerival e utilizados como isca viva, não só para a captura de robalos como também para as demais espécies capturadas pelos pescadores esportivos. Este fato dificulta a estatística deste camarão, pois não existem desembarques comerciais deste e a venda do produto ocorre na área de captura ou nas moradias dos próprios pescadores, além de a venda do produto ser realizada em número de peças (unidade) e não em quilos.

Esta pesca ocorre principalmente durante o período de fevereiro e abril. Estima-se que neste período (safra) e nos períodos de maior amplitude da maré (lua cheia ou nova) atuem em torno de 100 pescadores “por maré” no complexo estuarino lagunar de Iguape-Cananéia-Ilha Comprida. Como a pesca de gerival depende da corrente da maré, ao longo do dia os pescadores pescam na “corrida da maré” de enchente e de vazante, num sistema de arrasto passivo. Este número varia com a entrada de turistas aos fins de semana, chegando, muitas vezes a dobrar. Tem-se observado que atualmente muitos pescadores utilizam motores de popa para arrastar, aumentando muito o poder de captura e acarretando sérios riscos para a manutenção do recurso [10].

Conclusões

A pesca artesanal no litoral paulista configura-se como um forte traço na cultura caiçara. Suas formas de resistir a diversas

influências externas vem alterando a dinâmica socioeconômica das populações de pescadores nas últimas décadas. A pesca esportiva pode ser entendida como uma dessas influências externas. No entanto, ela tem trazido benefícios que ainda não podem ser avaliados do ponto de vista ecológico e sociocultural, pois ainda são necessários estudos sobre seus aspectos “positivos” e “negativos” para as populações locais e para os estoques pesqueiros.

A pesca esportiva tem disputado recursos e espaços com a pesca artesanal. Nas três comunidades estudadas, Porto Cubatão foi a que apresentou uma maior infraestrutura para a realização desta atividade, assim como o maior interesse e envolvimento dos pescadores artesanais pela pesca esportiva.

A atividade de comércio de iscas vivas tem aumentado e representa uma importante atividade para os pescadores artesanais, além de estar totalmente relacionada com a pesca artesanal e o etnoconhecimento (há amplo emprego dos saberes tradicionais nas novas atividades).

A pesca esportiva é praticada tanto por turistas que freqüentam as comunidades com objetivos diversos, como por pescadores esportivos que chegam às comunidades com o objetivo direto de praticá-la por esporte. O crescimento desta atividade tem representado melhoria de vida para os caiçaras, no sentido em que complementa a renda familiar, que antes era obtida através de atividades de subsistência, sobretudo pela pesca e pela agricultura de subsistência.

Contudo, a pesca esportiva é uma atividade que requer organização e planejamento, para prevenir possíveis impactos sobre o ambiente. Assim, o desenvolvimento de projetos de educação ambiental com os participantes dessa atividade e os pescadores artesanais é de suma importância para a sustentabilidade dos recursos utilizados por ambos.

Referências

[1] SOUZA, M.R. Etnoconhecimento caiçara e uso de recursos pesqueiros por pescadores artesanais e esportivos no Vale do Ribeira. 2004. 102f. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, 2004.

[2] DIAS NETO, J.; DORNELLES, L.D.C. Diagnóstico da pesca marítima do Brasil. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos

Naturais Renováveis. Diretoria de Incentivo à Pesquisa e Divulgação. Brasília: IBAMA. 1996. 22-155p.

[3] PRADO, R.A. Pesca esportiva. **Fishing news**, v.6, n.67, p.8, 1999.

[4] RIBARIC, R.A. **Caiçaras**: Para uma arqueologia da memória. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

[5] RAMIRES, M.; BARRELLA, W.A Pesca esportiva como alternativa econômica em uma população caiçara da Estação Ecológica de Juréia Itatins. **PUC-SP Ciências Biológicas e do Ambiente** v.3, n.1, p.39-51, 2001.

[6] RIBARIC, A. Sítio Artur e os seus: Para uma arqueologia da memória. In: DIEGUES, A. C. S. (Org). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB, USP, 1997. cap.5, p.203-220.

[7] PLANTE, S.; BRETON, Y. Espaço, pesca e turismo em Trindade. São Paulo: NUPAUB, USP, 1997. 76p. (Série documentos e relatório de pesquisa, 23).

[8] SILVANO, R. A. M. **Ecologia de três comunidades de pescadores do Rio Piracicaba (SP)**. Campinas, 1997. 147p. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas.

[9] BERKES, F. Competition beteen commercial and sport fishermen: an ecological analysis. **Human Ecology**, v.12, n.4, p.413-429, 1984.

[10] MENDONÇA, J.T.; KATSURAGAWA, M. Caracterização da pesca artesanal no complexo estuarino lagunar de cananéia – Iguape, Estado de São Paulo, Brasil (1995-1996). **Acta Scientiarum**, v.23, n.2, p.535-547, 2001.